



Um podcast original da Rádio Novelo

Episódio 15

O limite de cada um

Branca Vianna: Bem-vindo ao Rádio Novelo Apresenta.
Eu sou a Branca Vianna.

No episódio de hoje, a gente tem histórias sobre pessoas tentando entender onde é que tá o limite delas.
Até onde elas podem ir sem ultrapassar esse limite.

Tem uma história sobre o cerco de um forte no Texas, na época em que o território ainda tava sendo disputado entre os Estados Unidos e o México.
O forte tava rodeado de tropas mexicanas que tavam tentando retomar o território.
Já fazia dias que ninguém conseguia entrar nem sair.
Tinha poucos americanos pra defender o forte.
Reza a lenda que o comandante pegou e riscou uma linha na areia. Ele pediu pra todo mundo que tivesse disposto a morrer pelo Texas que cruzasse aquela linha.
E reza a lenda que só um cara não se dispôs a atravessar.

Essa história era pra ser heróica, motivacional – mas a verdade é que quase todos os americanos foram massacrados, mesmo.

Esse gesto talvez apócrifo do comandante acabou virando uma expressão popular.
Riscar uma linha na areia.
Do tipo: daqui você não passa.
Ou daqui eu não passo.
É um limite que a gente estabelece – mas esse limite tende a ser frágil.
Porque, afinal de contas, é só bater qualquer ventinho, e aquela linha na areia já era.

Os limites da gente podem ser testados o tempo todo, em tudo quanto é tipo de situação.
Mas muitas vezes isso tem a ver com uma cadeia de comando.
Com alguém com mais poder mandando a gente fazer alguma coisa e a gente decidindo:

"nossa, ok". Ou então "nossa, de jeito nenhum".

As duas histórias de hoje têm a ver com isso.

Mas os dois personagens encararam a linha na areia de jeitos bem diferentes.

A segunda história tem pitadas do fantástico, e se passa em vários reinos do Oriente Médio.

A primeira vem daqui do Brasil mesmo.

E por mais que a gente já não tenha uma família real há um bom tempo – graças a Deus –, essa história tem a ver com um certo tipo de império...

O que acontece quando um império cai?

A Operação Lava Jato foi um desses impérios que pareciam que não iam acabar nunca.

Ela durou de 2014 – quando ela surgiu com o objetivo declarado de investigar lavagem de dinheiro – até 2021 – quando já tinha ficado claro que a operação investigava um lado só.

E ela acabou enterrada pelo governo Bolsonaro.

E, quando a operação acabou, teve gente reagindo das formas mais diferentes.

Teve gente que comemorou.

Teve gente que disse que não, que não tinha acabado.

Teve gente que lamentou.

E teve gente que viu isso tudo e pensou:

"a gente tem que fazer um museu da Lava Jato".

Um museu pra falar do que a Lava Jato foi, e o que foi que ela fez.

Quem conta essa história é o Vitor Hugo Brandalise.

Vitor Hugo Brandalise: Nem precisa fazer esforço pra adivinhar em qual cidade o Museu da Lava Jato foi fundado.

Só podia ser uma: Curitiba.

Mas Curitiba não é tão pequena assim, então a gente pode tentar ser mais específico nesse jogo de adivinha. Onde em Curitiba?

Na frente da casa do Deltan... Não foi.

No restaurante onde o Moro se encontrou com o Luciano Huck... Também não.

Naquele descampado onde botaram um outdoor com os procuradores da força-tarefa com o peitoral estufado, tipo super-heróis? Não, não foi lá.

O lugar onde esse museu começou diz muito sobre o que ele ia vir a ser.

Áudio Vigília: Bom dia, presidente Lula.

Vitor Hugo Brandalise: Foi na Vigília Lula Livre – em Curitiba mesmo, no bairro Santa Cândida.

Bem em frente da superintendência da Polícia Federal – onde um grupo de apoiadores do presidente Lula montou um acampamento e não arredou pé enquanto ele ficou preso.

Felipe Mongruel (Magal): Eu fiquei na vigília, né, eu fui advogado da vigília. Eu morei lá 97 dias.

Vitor Hugo Brandalise: Esse é o Felipe Mongruel, que todo mundo chama de Magal. O Magal é advogado e um dos fundadores do Museu da Lava Jato. Ele morou na vigília acampado por um tempo – mas continuou por lá trabalhando até o final – por 580 dias, até que o Lula foi solto, em novembro de 2019.

Eles ainda ficaram um dia a mais, desmontando tudo.

E aí bateu aquele momento esquisito, sabe?

Quando a coisa que cê queria fazia tanto tempo pega e acontece? Bate um vazio...

Os caras olharam um pro outro e disseram: e agora, que que a gente faz?

O negócio era pegar toda essa energia que eles empregaram no acampamento durante meses... e inventar um novo propósito pra ela.

E aí eles pensaram o seguinte: o Lula saindo da cadeia foi um ponto-chave na história do presidente – e também na da operação que prendeu ele.

Agora, que a Lava Jato acabou, ela vai passar, tá passando – como acontece com todo evento histórico – por um processo de revisão.

Com vários lados dessa história. Várias "narrativas", como se diz muito hoje em dia.

E essa ideia – de que o legado da Lava Jato tá em disputa – tá na origem desse museu.

Felipe Mongruel (Magal): A gente não iria se desculpar, talvez, se eles tivessem o registro desse domínio e eles viessem a contar para as futuras gerações [...]

Vitor Hugo Brandalise: Quando o Magal fala em "domínio", ele não tá falando em "domínio da narrativa" como um todo. Ele tá falando no "nome de domínio", do registro de um site na internet. Então nesse item "nome" eles pularam na frente: Museu da Lava Jato. Pegaram logo o que eles queriam, antes que algum procurador, ou algum ex-juiz aventureiro o fizesse. E agora, como a disputa é sem

trégua, eles precisavam mirar no alvo que eles consideram mais importante: os efeitos da Lava Jato na sociedade brasileira.

Felipe Mongruel (Magal): Porque o processo todo que caminha da criminalização da política, da depuração, da destruição total, acaba na salvação pela própria política, visto que os maiores protagonistas dessa história concorreram a cargos públicos, e o pior: foram eleitos com grandessíssimas votações. E isso ainda vai permanecer no Estado social, ainda vai estar na epiderme brasileira, ainda vai estar no tecido das camadas políticas, que... a gente não vai saber para onde vai.

Vitor Hugo Brandalise: Um ano e meio depois do fim da Lava Jato, já tem uns entendimentos meio que de consenso, nesse processo de revisão: a Lava Jato foi uma operação conscientemente midiática, que botou atrás das grades gente muito poderosa, e que teve um efeito importante, durante um tempo, de abalar o senso de impunidade de políticos e de empresários que se achavam acima da lei.

Então, o que o Magal tá dizendo que tem risco de ficar na nossa epiderme – e que eles querem enfatizar no acervo deles – é que um sentimento de antipolítica ficou no ar. Com operações frenéticas de busca e apreensão às seis da manhã, repetidas na tevê o dia inteiro... era todo mundo culpado.

No fim, ficou claro que a operação tinha lado – que ela só investigava crimes de corrupção que tivessem chance de ter o PT no meio.

A principal mostra de que a operação era parcial veio com os vazamentos de mensagens que serviram de matéria-prima pras reportagens da série Vaza Jato, do site Intercept Brasil.

A série tá linkada no site da Rádio Novelo – mas, pra resumir pra quem não acompanhou: tinha muita colaboração entre os procuradores – Deltan Dallagnol e companhia – e o ex-juiz Sérgio Moro – de quem se esperava um julgamento imparcial dos casos da força-tarefa.

As trocas de mensagens mostram bem a tabelinha do Moro com o MP: ele deu acesso privilegiado e ajudou os procuradores a construir os casos contra os investigados; ele pediu “agilidade” e mudança de fases da operação; ele deu conselhos e sugeriu recursos aos procuradores; ele antecipou decisões... Tá tudo isso lá, nas reportagens da Vaza Jato – que ganhou, aliás, toda uma “ala” no site do museu.

Felipe Mongruel (Magal): Então, o Museu da Lava Jato é muito mais uma trincheira de combate, através do estudo, da informação, da democracia, da transparência, da Constituição Federal. Um chamamento à história pela construção de uma barricada. E estamos, sim, numa barricada, juntos, lutando contra um inimigo muito mais portentoso do que apenas aqueles protagonistas que nós conhecemos.

Vitor Hugo Brandalise: Os protagonistas, pro Magal, são o Moro, o Dallagnol e companhia. E quem tá junto com ele, Magal, nessa trincheira é gente como a Maitê Ritz, que é historiadora e também dirige o museu da Lava Jato junto com ele – e que tava também nessa conversa.

Maitê Ritz: A gente sabe que o Brasil tem um problema muito sério com memória. Todo mundo usa muito aquela história do "Ai, a história cobra, a história vai cobrar". E não é a história que cobra, é a gente que tem que cobrar, então a gente tem que pegar e fazer. E essa iniciativa nossa desse grupo foi justamente pegar e fazer.

Vitor Hugo Brandalise: Então eles saíram pra cobrar. Foram lá na porta do Ministério Público.

Felipe Mongruel (Magal): Porque depois que o presidente Lula é solto, um grupo com várias... jornalistas e advogados e militantes, colegas e companheiros, a gente ia toda semana no Ministério Público Federal, fazer uma visita lá toda quarta-feira, onde a gente pedia para conversar e levava a caixa de som e falava com a população. Isso a gente fez durante um ano e nove meses antes de existir todo o processo do museu.

Vitor Hugo Brandalise: Esse povo todo, jornalistas, militantes, companheiros – e o Magal e a Maitê em cima de um caixote falando da Lava Jato na frente da sede da Lava Jato... chamou a atenção de gente que fazia parte da engrenagem da Lava Jato. Gente que tava do lado deles na disputa.

Felipe Mongruel (Magal): Então, nessas aparições nossas, todas as quartas feiras, do meio-dia às duas da tarde, algumas pessoas que trabalhavam também, dentro do Ministério Público, vinham conversar com a gente e falar “Olha, a gente trabalha lá dentro, mas a gente não faz parte disso aqui”.

Vitor Hugo Brandalise: A falação na frente do MP acabou atraindo gente que não costumava falar com a imprensa. E isso acabou moldando essa nova instituição que tava se estruturando: o museu. No começo de 2022, o museu da Lava Jato tava fundado e já tinha uma equipe inicial. Por enquanto, ele só funciona online, mas tá nos planos uma sede física, aberta pra visita.

Pra cavar essa primeira trincheira – virtual –, eles receberam doações de voluntários. Principalmente advogados... e principalmente advogados que defendiam investigados na Lava Jato – como o Antônio Carlos de Almeida Castro, o Kakay –, e o Eugênio Aragão, que foi ministro da Justiça da Dilma.

Os diretores do Museu não fazem questão nenhuma de esconder que eles têm um lado nessa história. Mas, segundo eles, isso não quer dizer que outras formas de ver a operação vão ser ignoradas.

Aqui, de novo, a Maitê.

Maitê Ritz: A gente vai apresentar todas as narrativas. Existe, por exemplo, assim como existiu o acampamento, começou como acampamento Lula livre, depois virou a vigília, a gente teve o acampamento "Todos contra a corrupção", que ficava na frente da Justiça Federal, que fizeram monumentos e que fizeram ações, que vendiam camisetas e que tinham lemas, emblemas e que depois se autodestruíram a partir do momento em que o grande líder deles se autodestruiu, também se autossabotou...

Vitor Hugo Brandalise: O "grande líder", que a Maitê tá dizendo que se "autodestruiu", é o Moro, no caso.

Mas o que ela tá dizendo é: as outras narrativas até vão tá lá...

Só que elas vão ser tratadas de forma crítica – e com viés.

Tem até uma espécie de justiça poética nisso, né?

Uma operação enviesada... um museu enviesado.

Maitê Ritz: A gente tem textos sobre todos os envolvidos na Lava Jato direta ou indiretamente. Então, o papel dessa instituição museal, do museu em si, é mostrar e expor essas narrativas e promover reflexões em cima disso, né?

Vitor Hugo Brandalise: Até aqui, a equipe do museu já reuniu 45 mil notícias e todos os processos da Lava Jato num só lugar – e dá pra buscar pelos personagens envolvidos, pelo ano em que aconteceu, por qual cidade... O link do museu também tá lá no site da Rádio Novelo. Depois cê pode passar lá pra ver.

Mas a ala que é capaz de trazer mais novidade presse acervo é a que tá levando mais tempo pra reunir material: o braço de história oral – de entrevistas com os envolvidos.

Eles já gravaram com jornalistas que cobriram a operação ao longo dos anos, com advogados e com alguns agentes públicos que ouviram o Magal e a Maitê em cima do banquinho na frente do MP lá em Curitiba – e se convenceram de que tava na hora de contar a versão deles dessa história.

São funcionários concursados, de carreira, que – mesmo que quisessem – não podiam abrir o bico... pelo menos enquanto a operação tivesse em andamento, ou enquanto eles ainda tivessem trabalhando na procuradoria ou na Polícia Federal.

Entre as várias entrevistas que o acervo já conseguiu reunir, teve uma que me chamou mais a atenção: a do agente responsável pelos grampos da Lava Jato no começo da operação.

Um agente que – por causa do trabalho dele na força-tarefa – acabou se vendo numa situação em que ele teve que se confrontar com o próprio limite ético dele. Com o quanto ele conseguia suportar antes de romper com os padrões morais dele mesmo.

O nome dele é Dalmey Werlang.

Dalmey Werlang: Eu entrei na Polícia Federal como administrativo em 84.

Vitor Hugo Brandalise: O pessoal do Museu da Lava Jato liberou a gravação aqui pro Rádio Novelo Apresenta, e o próprio Dalmey também autorizou a gente a usar a entrevista dele aqui no podcast.

Dalmey Werlang: Eu fiquei na polícia, no Instituto Nacional de Identificação, em Brasília, até 87 e em 1988, em janeiro, fui para Rondônia. E assim eu fui porque eu... porque eu podia escolher outros lugares, mas eu queria conhecer a Amazônia. Eu tinha uma vontade muito grande de conhecer a região amazônica e fui.

Vitor Hugo Brandalise: Tem gente que sonha em conhecer a Amazônia pra ver árvore milenar, nadar com boto cor-de-rosa...

Dalmey Werlang: E de fato foi uma experiência muito boa...

Vitor Hugo Brandalise: Mas o que o Dalmey queria ver era narcotráfico...

Dalmey Werlang: Questões indígenas, questões ambientais... Também teve questão de garimpos ilegais na reserva Suruí dos Cinta Larga, lá em Rondônia. Também uma depredação, uma destruição, contrabando de diamantes...

Vitor Hugo Brandalise: Foi no cotidiano de investigações contra o saque da floresta que o Dalmey, um dia, pulou da inteligência – monitorando outros – pra contrainteligência, investigando os próprios colegas.

Dalmey Werlang: Até policiais foram presos na época por conta de envolvimento com o ilícito. Porque realmente a pessoa que... se ela não tiver muita força moral, mesmo, ela acaba se corrompendo. Porque a facilidade do diamante, você tira da terra, nasce na terra praticamente.

Vitor Hugo Brandalise: No fim da operação, quem se corrompeu foi preso. O Dalmey não gostava de fazer esse tipo de trabalho – investigar os colegas policiais. Porque, além de perigoso, também tem um dilema moral, entre a lei, a ética... e o corporativismo com os colegas. Mas o Dalmey entendeu que a coisa certa a fazer era obedecer a ordem.

Dalmey Werlang: E daí, em 2003, voltei para Curitiba.

Vitor Hugo Brandalise: A volta do Dalmey pra Curitiba tinha a ver com uma bagagem que ele adquiriu nesses anos de “monitoramento ambiental”: a experiência com grampos. Naquele início dos anos 2000, não tava fácil a situação financeira da PF. Então era o próprio Dalmey quem montava os aparelhos de monitoramento dele, com material improvisado.

Uma coisa meio "The Wire", meio "MacGyver", meio "Inspetor Bugiganga".

O grampo ficava do tamanho de uma caixa de fósforo.

Tinha um pequeno microfone, um transmissor tirado de algum circuito de segurança doméstica, e uma plaquinha com um pré-amplificador.

Esse último item o Dalmey disse que dava até pra dispensar – mas ele não abria mão por um motivo que a gente aqui, que trabalha com podcast, entende muito bem:

Dalmey Werlang: Eu primava pela qualidade do áudio, né? Então, a gente montava um transmissor e, sobretudo, um bom microfone e um pré-amplificador, para dar uma qualidade maior na captação do áudio.

Vitor Hugo Brandalise: Nessa época, o Dalmey também começou a fazer grampos adaptando aparelhos celulares.

Ele tirava tudo do celular, deixava só o microfone.

No depoimento, ele diz que ele dava uma bombada na capacidade de captação desse microfone – mas ele não entra muito em detalhes, e eu não ia conseguir entender os paranauês técnicos...

Mas, depois disso, ele deixava o aparelho programado pra atender automaticamente as chamadas.

Aí era só ele conectar o celular no "Guardião" – que é o sistema de gravações da Polícia Federal –, telefonar presse celular e pronto, tava grampeado o ambiente.

Isso tudo com material comprado na Santa Ifigênia, uma rua de parafernália eletrônica que fica no centro de São Paulo.

Dalmey Werlang: Mas daí o departamento, em 2006, 2007, começou a adquirir equipamentos para essa finalidade, monitoramento ambiental e trabalhos de investigação. E eu sempre fiquei na vanguarda disso. Na questão de equipamentos que a gente chama de meios eletrônicos para investigação. E daí entrando na questão do Lava Jato...

Vitor Hugo Brandalise: Cê reparou que o Dalmey falou na questão "do Lava Jato", não "da Lava Jato", né?

A gente perde de vista porque a operação Lava Jato virou essa entidade, esse império, esse capítulo da História do Brasil.

Mas antes de existir a Lava Jato, existiam os lava jatos. Os serviços de higienização automotiva a jato – pra usar o termo técnico.

E a operação só tem esse nome, talvez cê lembre, porque ela teve início num posto de gasolina em Brasília.

Dalmey Werlang: No dia 17 de março de 2014.

Vitor Hugo Brandalise: O Dalmey contou pros pesquisadores do museu como foi aquele dia pra ele.

Dalmey Werlang: Eu chego sempre no horário, chego cedo sempre no serviço, então eu estou lá e houve a deflagração da operação.

Vitor Hugo Brandalise: Bem cedo mesmo.

Dalmey Werlang: Os presos sendo presos bem cedinho, seis da manhã.

Vitor Hugo Brandalise: Até aí, normal. Mas o Dalmey estranhou quando, por volta das dez da manhã, chegaram na sala dele, de uma vez só, uma comitiva de superiores dele. Ele conta que os chefes fizeram um pedido:

Dalmey Werlang: "Nós precisamos botar um monitoramento numa cela, urgente, Dalmey, pra hoje".

Vitor Hugo Brandalise: O Dalmey em Curitiba. As prisões acontecendo em Brasília. Mas a operação tinha partido de Curitiba, então, alguns presos iam ser levados para lá.

Dalmey Werlang: "E no período da tarde alguns presos vão chegar aí e nós precisamos ter uma cela com com um grampo, com um dispositivo instalado e tal." Eu falei "Não, tudo bem"... a operação é grande, você nem questiona muito, né. A gente viu que era grande porque envolvia personalidades ou figuras já conhecidas.

Vitor Hugo Brandalise: "Personalidades". "Figuras conhecidas". E o Dalmey disse que o pedido já chegou bem detalhado:

Dalmey Werlang: Aí ele mostrou um croquizinho das celas, são seis celas dentro da superintendência ali. É como se fosse uma caixa de concreto e três de cada lado, simétricas. E ele falou "Ó, tem que colocar nessa cela aqui". E eu falei "Ah, quem vai ser colocado..." No final que ele comentou "Ah, o Youssef é que vai estar ali."

Vitor Hugo Brandalise: Alberto Youssef – doleiro que lavava dinheiro pra pagar propina pra diretores da Petrobrás e pra políticos. E um dos lugares em que ele lavava dinheiro era um posto de gasolina em Brasília.

Mais tarde, o Youssef ia ser um dos primeiros delatores da Lava Jato. Uma figura-chave pro avanço das investigações sobre a corrupção na Petrobras.

Mas naquela época ele era só um investigado preso, mesmo.

E o Dalmey fazendo a função dele.

Dalmey Werlang: “É nessa aqui que você tem que colocar e tal”. Claro que nós, naquele momento, numa situação de urgência... Pô, é pra já, né. Uma determinação dessas você não tem nem como questionar.

Vitor Hugo Brandalise: O Dalmey contou que então ele desceu até a custódia – que é como é chamada a área das celas –, e foi direto pra cela onde ia ficar o Youssef.

Dalmey Werlang: Tinha que ser no ambiente, não dentro da cela, mas um ambiente que não fosse acessível ao preso. Fizemos, instalamos e então: “Ó, tá pronto. Daí lá pelas cinco da tarde o preso pode chegar e já está tudo certo”. E ativamos o dispositivo e passou a ser gravado. Era gravado num DVR, na verdade, um aparelho dos adquiridos na gestão Lula já, né.

Vitor Hugo Brandalise: Esses novos grampos já eram bem diferentes daqueles que o Dalmey fazia ele mesmo na Amazônia, ou misturando pedaços de celular com cacarecos da Santa Ifigênia.

Agora ele tava trabalhando com grampos profissionais, comprados pelo governo brasileiro a partir de 2007, num convênio com a França.

Esses grampos tinham mais ou menos o dobro do tamanho do grampo artesanal – duas caixas de fósforo, uma do lado da outra.

Eram equipamentos de radiofrequência, ligados a um único receptor, dentro do próprio prédio da PF.

Dalmey Werlang: Então era, era ponto a ponto digital e criptografado. Então, não tinha como ter no caminho qualquer tipo de...

Vitor Hugo Brandalise: Nesse receptor da radiofrequência, o Dalmey acoplava um gravador, salvava num cartão de memória... É missão cumprida.

O grampo na cela do Alberto Youssef ficou gravando por 11 dias, no total.

O esquema era tão seguro que o Dalmey até saiu da cidade, foi acompanhar uma operação em Belo Horizonte... e tava voltando quando recebeu uma mensagem de um chefe.

Dalmey Werlang: “Dalmey, esse equipamento...” tirou uma foto, mandou uma foto do dispositivo... “Esse dispositivo aqui é o nosso que nós instalamos?” Eu falei: “Pela foto, sim, pela foto é o nosso. O que houve?” “Ah, que foi que foi descoberto”, alguma coisa assim.

Vitor Hugo Brandalise: Foi o próprio Youssef, com a ajuda de outros presos, que descobriu o grampo. O Dalmey lamentou, mas bola pra frente, dava pra usar o que tinha sido gravado. Só que tinha alguma coisa esquisita nesse caso. Segundo o Dalmey, o chefe queria que ele voltasse imediatamente pro departamento – não pra tirar o grampo de lá, e sim pra apagar tudo o que tinha sido gravado.

Dalmey Werlang: “Olha, Dalmey, nós temos que apagar tudo o que tem nos computadores, no teu computador”. E a preocupação dele era justamente

apagar as provas de que houve esse monitoramento. Aí eu perguntei: “Mas por que essa preocupação?” Porque, se é uma determinação judicial, não tem porquê se preocupar. Vazou, ah, perdeu, mas foi feito. O que foi feito está feito, vai ser usado no processo. Mas aí eu perguntei “Mas por que essa preocupação de apagar o material dos computadores?” “Não, é porque...” “Vocês não vão me dizer que vocês não tinham uma autorização judicial, aí...” “Olha, Dalmey, pior que nós não tínhamos isso aí.” “Pô, mas aí vocês estão de sacanagem, né?” Então foi, ali já ficou comprovado que foi uma atividade já... queimaram a largada no primeiro dia. A operação mal começou, já queimaram a largada.

Vitor Hugo Brandalise: Pro pessoal do Museu da Lava Jato, o caso do grampo na cela do Youssef mostra que a operação tava viciada desde o primeiro momento. E que muito do que veio depois tinha que ter sido anulado por causa desse “pecado original”. Tinham que ter botado um freio, já ali.

Tem mesmo vários exemplos de investigações que levaram anos e foram anuladas depois porque foram baseadas em grampos feitos sem autorização judicial.

Mas a Lava Jato continuou. E já acabou...

Só que o caso do grampo nessa cela provoca debates até hoje.

O relato do Dalmey foi contestado pelos delegados que eram os superiores dele.

Eles disseram que o grampo naquela cela era antigo, que tava instalado desde a passagem de um outro preso por lá – o Fernandinho Beira-Mar, esse sim com escutas autorizadas pela Justiça.

Foi até aberta uma sindicância que “confirmou”, entre aspas, essa versão dos delegados, de que o grampo era antigo...

Mas o resultado foi anulado, porque – atenção – essa sindicância não ouviu o responsável pela instalação do equipamento. No caso, o Dalmey.

Um novo procedimento foi aberto, e quem conduziu a sindicância errada foi punido por “trabalhar mal na condução das investigações”.

O que dá pra dizer é que houve gravações na cela do Youssef – 260 horas de gravações – sem autorização da Justiça.

E que o grampo até hoje não foi esclarecido.

E com um detalhe importante: nunca foi esclarecido por obra dos que deviam ser os principais interessados em comprovar inocência: os delegados da PF superiores do Dalmey.

Isso porque, em junho de 2017, eles pediram o arquivamento do tal “novo procedimento” que investigava a instalação. E a questão nunca foi resolvida.

Pro Dalmey e pro pessoal do museu, o Ministério Público engavetou a investigação – em 2017, quando a Lava Jato tava com tudo – pra não colocar a operação em xeque. Se a investigação tivesse continuado, ela ia chegar fácil aos culpados pelo grampo ilegal.

Agora: calma que a gente tá se adiantando no tempo. De volta pra 2014, comezinho da Lava Jato, quando o Dalmey grampeou o Youssef e deu todo esse rebu.

Ainda não tinham rolado as sindicâncias, esse engavetamento, nada... mas claro que o Dalmey ficou com uma pulga atrás da orelha.

Dalmey Werlang: E o clima ficou ruim para mim, porque a partir de então eu comecei a desconfiar de todo mundo. Poxa, não posso fazer nenhum serviço aqui, porque daqui a pouco eu estou fazendo serviço pra... ilegal. Foi um clima ruim, gerou um mal-estar meu, com todos no núcleo.

Vitor Hugo Brandalise: O clima ficou ruim, o Dalmey tava com mal-estar, mas ele não deixou de cumprir a função dele.

Chato. Mas vida que segue.

Não por muito tempo.

Um ano depois do grampo no Youssef, o Dalmey foi chamado pra uma operação de contrainteligência.

Mais uma na carreira do Dalmey.

Só que, dessa vez, o objetivo tava menos cristalino do que flagrar agentes públicos contrabandeando diamante em terra indígena.

A ordem era a de espionagem clandestina dentro da própria superintendência da Polícia Federal em Curitiba.

Não tava sendo um par de anos fáceis pro Dalmey, aquele biênio 2014-2015.

Dalmey Werlang: O ano, foi um ano muito difícil e no final... aí surgiu a questão dos dissidentes, que era uma turma de policiais que estariam montando dossiê e não sei o que...

Vitor Hugo Brandalise: Os “dissidentes” era como chamavam um grupo de delegados que seriam contrários à Lava Jato.

Que supostamente tavam trabalhando pra sabotar a operação. Os chefes do Dalmey naquela época queriam pegar esses caras.

Dalmey Werlang: Nós fomos colocados para investigar quem eram esses dissidentes. Só que eles queriam que a gente investigasse do jeito que eles queriam.

Vitor Hugo Brandalise: Eles queriam que o Dalmeij usasse as ferramentas tecnológicas dele pra levantar essas informações.

Dalmeij Werlang: É contra-inteligência, era um serviço de contra-inteligência, a gente chama, né. Investigar, cortar na própria carne, né. Só que as premissas que eles tinham eram todas falsas.

Vitor Hugo Brandalise: Dessa vez, a ideia não era grampear a cela de algum policial preso suspeito de ser agente duplo, alguma coisa assim.

Os chefes queriam que o Dalmeij grampeasse um lugar "banal" de toda repartição.

Um lugar de pausa, de respiro – quer dizer, talvez o contrário disso...

Dalmeij Werlang: Então, 2015 e daí veio a questão do grampo do fumódromo...

Vitor Hugo Brandalise: O fumódromo da Polícia Federal.

O Dalmeij entendia a importância do serviço de contrainteligência.

Não era uma coisa que ele gostava de fazer, mas ele concordava que ter gente sabotando uma operação de dentro era muito perigoso.

Dalmeij Werlang: Ainda naquela ânsia de realmente ver se essa questão dos dissidentes era realmente real, nós estávamos imbuídos disso, realmente...

Vitor Hugo Brandalise: Num primeiro momento, ele também entendeu a escolha do fumódromo como lugar estratégico pra posicionar o grampo.

Dalmeij Werlang: A demanda de um grampo, de um monitoramento no fumódromo, porque era frequentado por delegados amigos daqueles dissidentes - que era da suspeita do dossiê que estava sendo preparado. Essas pessoas eram conhecidas e que... conhecidas de quem frequentava o fumódromo e que ali no fumódromo poderia ser tratado sobre... em conversas informais ali na hora do... O Rivaldo, por exemplo...

Vitor Hugo Brandalise: Rivaldo Venâncio, um delegado com carreira longa na superintendência.

Dalmeij Werlang: O delegado Rivaldo com um outro delegado que trabalhava ali perto e que ali eles iam conversar.

Vitor Hugo Brandalise: Conversando, pitando... e sendo gravados clandestinamente. O Dalmeij sabia que esse não era um trabalho simples. E ele ainda tava escaldado com o que tinha rolado na cela do Youssef só um ano antes.

Então ele foi perguntar pra chefe.

Dalmey Werlang: Estava trabalhando numa situação de “Puxa, é uma situação de alto risco, né, contra-inteligência mesmo, você ter que investigar policiais”. E ela falou “Não, isso aqui nós vamos botar um monitoramento ali.” Nós falamos: “Mas é autorizado?” “Não, isso é uma questão de segurança orgânica, Dalmey. Isso aí é possível”. E segurança orgânica, quando alguém fala de segurança orgânica, é aquela autorização que uma empresa tem de investigar um funcionário que pode estar colocando em risco, né. É, assim, dá para entender que, beleza, pode ser que... E ela fez essa determinação. Determinou, e a gente instalou. Mas para um teste.

Vitor Hugo Brandalise: Um teste técnico. Com um daqueles grampos do tipo moderno, por radiofrequência.

Dalmey Werlang: Só que ela já estava querendo saber o que estava sendo falado. E fazendo os testes, a gente viu que estava ruim. Mas ela não queria só o teste. Ela queria saber: “Ô, e aí, o que é que estão falando?”

Vitor Hugo Brandalise: E o Dalmey empenhado...

Ele gostava de tudo o que envolvia esse serviço de escuta desde os tempos de autodidata, claro que ia tentar fazer o grampo do fumódromo funcionar.

Ele começou a fazer serão no escritório pra melhorar a qualidade do áudio.

Ainda não tinha caído a ficha pra ele.

Até que um colega entrou na sala e entendeu o que tava acontecendo.

Dalmey Werlang: Acho que vendo eu ali com o fone de ouvido ali, na sala, ele falou “Pô, Dalmey, que que é isso?” “Ah, é aquele, aquela demanda ...” E ele falou “Não, Dalmey, isso aí, não...”

Vitor Hugo Brandalise: Às vezes é assim.

A gente tá ali, seguindo a vida no automático.

Flexibilizando um pouquinho daqui, um pouquinho dali...

E precisa vir alguém de fora pra dar um chacoalhão: “isso aí, não!”

Dalmey Werlang: “Não, Dalmey, isso aí, não...”

Vitor Hugo Brandalise: Foi só assim, com o chacoalhão do colega, que o Dalmey percebeu que os limites dele tinham ficado pra trás.

E que agora ele precisava fazer alguma coisa.

Primeiro, uma desobediênciazinha civil, básica, não-declarada.

Dalmey Werlang: “Ó, não tem nada, tá ruim, o sinal está ruim, o som é inaudível, não dá pra entender nada”. E eu desativei. Desativei aquilo.

Vitor Hugo Brandalise: O Dalmey desativou o grampo.

Os policiais fumantes podiam voltar a pitar e conversar em paz.

Depois, ele parou pra pensar. E começou a racionalizar a ordem da chefe.

Dalmey Werlang: Ela estava... usando do termo "segurança orgânica", ela tentou fazer um grampo que não era bem para segurança orgânica, mas para bisbilhotar mesmo a vida de outros colegas, né, que sequer estavam no rol dos suspeitos. São pessoas que poderiam estar conversando com... na verdade, vamos falar a verdade, é uma grande paranoia desse pessoal. E nós, no meio disso.

Vitor Hugo Brandalise: A conversa informal, a fofuquinha, o desabafo, a pausa no meio do dia. O fumódromo.

Todo mundo tem um limite.

O fumódromo era o limite do Dalmey.

Ele não percebeu isso na hora. Ele só percebeu depois que ele já tinha cruzado esse limite.

E, quando a gente esgarça um limite ético, isso mexe com o brio. Com alguma coisa que a gente tem muito profunda, de essência. Do que faz a gente se entender como a pessoa que a gente é.

Então não dá pra fingir que não aconteceu nada.

Dalmey Werlang: Quando nós sentimos isso aí, e a pressão deles para tentar fazer ingerência dentro da investigação, já houve a questão de a gente levar para o superintendente: "Ó, tem que tirar esse pessoal, porque não dá pra gente trabalhar assim. Não tem como fazer um trabalho isento."

Vitor Hugo Brandalise: No cálculo do Dalmey, os chefes iam responder pelos limites que – eles, os chefes – tavam ultrapassando. Mas não foi isso que aconteceu.

Dalmey Werlang: E daí o superintendente levou para eles, e eles nos... romperam conosco.

Vitor Hugo Brandalise: O Dalmey achou que o superintendente ia ter a mesma leitura que ele da história.

Mas ele não teve. Ele não entendeu o episódio como erro dos superiores.

Ele entendeu o episódio como insubordinação do Dalmey.

Dalmey Werlang: E assim a coisa pegou, porque daí me... deu uma reviravolta.

Vitor Hugo Brandalise: Uma reviravolta. Uma implosão. O colega que "deu o chacoalhão" foi o primeiro.

Dalmey Werlang: "[...] você volta para Bauru".

Vitor Hugo Brandalise: Outro colega, que tinha sido trazido pelo Dalmey de Rondônia, veio depois.

Dalmey Werlang: "[...] um cara que eu confiava, um cara que eu sugeri inclusive para vir, ele também voltou para Porto Velho.

Vitor Hugo Brandalise: E claro que não tinha chance de o próprio Dalmey continuar ali, subordinado aos mesmos chefes.

Dalmey Werlang: "E eu fui mandado pra Paranaguá, sem chance de conversa. Me tiraram do núcleo ali ou ali daquele ambiente, porque eles viam em mim uma ameaça pela experiência que a gente tem de captar essas irregularidades que a partir dali acabou, ali a gente viu "Não, isso aqui... isso não é sério".

Vitor Hugo Brandalise: No fim do caso do grampo no fumódromo, depois de três anos de processo interno, só o Dalmey acabou punido.

E não pela instalação clandestina – foi punido por ter informado “de forma imprópria” os seus superiores sobre o grampo.

Ele recebeu uma suspensão de 18 dias, que foram descontados do salário dele.

Já a chefe dele, que no mesmo processo interno admitiu ter dado a ordem de instalação do grampo irregular... ela não sofreu nenhuma punição.

Entrevistador do Museu: Então, Dalmey, seguinte, a gente vai começar com a pergunta que a gente está fazendo para todos os entrevistados. Como você define a Operação Lava Jato?

Dalmey Werlang: A Operação Lava Jato é uma operação política, né. Com interesses internacionais envolvidos. Com certeza, né, isso aí por conta de tudo que aconteceu. E é o que a gente poderia dizer, uma espécie de um fascismo judicial. É uma perseguição de grupos que pensam diferente deles, inclusive os policiais que pensam diferente, no sentido de condução dos procedimentos. Foi o que aconteceu comigo, uma vez que a gente observou que tinha ilegalidades ali acontecendo. E ao mesmo tempo, nós vimos a mídia dando, assim, para eles, holofotes, e eles eram simplesmente inquestionáveis. A conduta deles era sagrada.

Vitor Hugo Brandalise: Pro pessoal do museu, o que o Dalmey viveu foi uma espécie de Lava Jato dentro da Lava Jato. Aqui, de novo, o Magal.

Felipe Mongruel (Magal): Passou por um método de perseguição torturante como a Lava Jato dentro da própria instituição. Ou seja, ele sofreu a Lava Jato administrativamente. Sabe? Foi fruto do próprio meio.

Vitor Hugo Brandalise: Hoje o Dalmey tá aposentado.

Antes disso, ele respondeu por três procedimentos disciplinares e dois inquéritos.

Foram todos arquivados, exceto um deles, que ainda tá correndo – ele responde por “desvio funcional” por ter comparecido à CPI da Petrobras, em 2015.

Mais recentemente, neste ano, apareceu uma nova pendência judicial na vida dele.

Mas dessa vez foi ele quem procurou.

O Dalmey recorreu na Justiça pra receber de volta o salário proporcional aos 18 dias que ele ficou suspenso, sozinho, no caso do grampo no fumódromo. Em Curitiba, parece que os ventos podem tá virando a favor dele.

Lembra do delegado Rivaldo, um dos alvos do grampo clandestino no fumódromo da PF?

Em janeiro de 2023, o delegado Rivaldo Venâncio foi nomeado o superintendente da Polícia Federal no Paraná, na primeira leva de mudanças na corporação feita pelo novo governo Lula.

Mais uma pedra por cima das ruínas do velho império da Lava Jato.

Branca Vianna: Esse foi o Vitor Hugo Brandalise, produtor sênior da Novelo.

Eu não quero dar spoiler da segunda história de hoje – então eu só vou dizer que ela começa e termina em lugares onde limites não são bem-vistos.

Nem limites na vida... nem limites no cartão de crédito.

O nosso concierge nesse ato vai ser o João Batista Junior, repórter da revista Piauí.

João Batista Jr.: No ano 1 da pandemia, a vacina contra a Covid-19 ainda era um luxo. Uma iguaria. Um sonho de consumo. Lembra daqueles empresários em Minas Gerais que teriam pago R\$ 600 pra receber uma seringada de soro no braço? Mas tinha gente com esquemas um pouco mais sofisticados. Pacotes de turismo que levavam você pra ilhas no Caribe, pros Estados Unidos, pra Dubai... Cê podia pegar imunidade contra a Covid e um belo bronze na mesma ida.

Na época, eu tava querendo cobrir esse movimento e entender quem, enquanto o governo Bolsonaro ignorava e-mails da Pfizer, tava pegando esse atalho luxuoso. E indo de jatinho pra receber uma injeção que deveria estar disponível pra todo mundo pelo SUS.

Daí liguei para uma fonte que trabalhava nesse mundo. Ele me indicou uma empresa que tava oferecendo fretamento de jatinhos pra gente interessada em

fazer turismo de vacina ... e ele me deu uma dica que não tinha nada a ver com vacina, mas tudo a ver com o tipo de história que me interessa.

E o que me fascina, e eu imagino que te fascine também, é o extraordinário. O absurdo, o inédito.

Daí essa fonte me contou que, uma vez, uma cliente dela tinha viajado prum hotel em Dubai. E lá tinha um mordomo brasileiro. Um cara que parecia mágico. Tudo que você pedia, ele fazia acontecer.

Vinícius Viana: O requisito principal é ser muito low profile.

João Batista Jr.: Esse é o Vinícius, o tal mordomo. Ele tá falando sobre o requisito principal pra profissão dele.

Vinícius Viana: Não sei como que se diz isso no Brasil, mas é low profile.

João Batista Jr.: O Vinícius tá fora do Brasil há vários anos já, então ele não sabe que, no Brasil, pra “low profile” se diz “low profile.”

Vinícius Viana: “Low profile” é aquela pessoa muito tranquila, muito serena. Não é cheio de si, sabe lidar com as adversidades, as imprevisões, a bipolaridade dos clientes e dos hóspedes e o ego descabido, então. Esse é um dos pré requisitos e a gente é constantemente testado nisso.

João Batista Jr.: Quando o Vinícius diz “constantemente testado”, não sei se você consegue imaginar como são esses testes. Vou te introduzindo aos poucos, em doses homeopáticas, no mundo que o Vinícius habita. Primeiro que se fala muito inglês. Os clientes, por exemplo, ele chama de “high net worth individuals.”

Vinícius Viana: High net worth individual, que é o termo entre um e 10 milhões de dólares e ultra high net worth individual, que é aquele indivíduo que já alcançou mais de 1 bilhão de dólares, os meus hóspedes ou os meus clientes, eu posso dizer dessa forma, são de ultra high para high net worth.

João Batista Jr.: Low profile, high net worth. Na verdade, vi que a definição de high e ultra high net worth varia pelo mundo afora. Segundo algumas definições você pode ser ultra high net worth com apenas dez milhões de dólares. Mas parece que o mundo do Vinícius tem um padrão mais alto. Certo... Próxima frase em inglês?

Vinícius Viana: Vinícius: nós temos um NDA, que é um non disclosure agreement.

João Batista Jr.: Eu não sou high net worth, mas já assinei uns NDAs na minha vida. O acordo de confidencialidade do Vinícius, no caso, significa que ele pode contar o que, como, e quando – mas não quem. Mas não se preocupe, que muitas vezes essa é a parte menos interessante da história.

Hoje em dia, o Vinícius trabalha na Arábia Saudita como mordomo-chefe. Mas ele começou a carreira trabalhando num hotel de luxo em Doha, no Catar. Como – mais inglês – um welcome ambassador.

Vinícius Viana: Welcome Ambassador, ele é responsável pela recepção, triagem auxílio geral na entrada do hotel de todo e qualquer hóspede ou visitante.

João Batista Jr.: “Auxílio geral”, no mundo do Vinícius, pode ser bem geral mesmo. Não costuma ser do naipe “queria um misto quente aqui no quarto, por favor”.

Os brasileiros que ele atendia nesse hotel em Doha tendiam a ser um pessoal na faixa dos 30, 40 anos que tinha acabado de ganhar mais dinheiro do que eles conseguiam gastar. E o Vinícius tava ali pra ajudar com isso.

Vinícius Viana: “Nós queremos um Rolls Royce”. Então arranjávamos um Rolls Royce. Aí eles dirigiam o Rolls Royce. “Ah, agora não quero mais Rolls Royce. Agora quero uma Ferrari. Não quero mais a Ferrari, quero uma Lamborghini.”

João Batista Jr.: Pois não. De Lamborghini em Lamborghini, de bolsa da Chanel em bolsa da Chanel, Vinícius ia ganhando uma reputação como alguém que faz acontecer. Discretamente, claro. E depois de uns anos ele foi chamado para uma entrevista num hotel em Dubai. O Burj Al Arab.

Vinícius Viana: Eu sabia que era praticamente entrar na Nasa. Tinha muitos colegas que reprovavam e as pessoas falavam bastante do Burj, “o sete estrelas, o melhor do mundo”.

João Batista Jr.: Eu nunca tinha ouvido falar num hotel de seis estrelas, muito menos sete. Depois eu descobri que é basicamente marketing do Burj. Mas o luxo é real. E o Vinícius passou no teste e começou a trabalhar na NASA da hotelaria.

Vinícius Viana: Ali, todos os sonhos podem se tornar realidade.

João Batista Jr.: Certas coisas eram iguais – os rolês em carros de luxo, por exemplo – mas a dificuldade de tudo aumentava. Agora o Vinícius tava lidando com carteiras ainda maiores. Celebidades mais graúdas. Gente que tava querendo meter o pé na jaca com conforto, privacidade, e sem limites. Teve um cantor brasileiro que pediu uma Lamborghini, por exemplo, e saiu na noite de Dubai.

Vinícius Viana: E aí esse rapaz, ele ficou extremamente alcoolizado. Ele bateu a Lamborghini. Me ligaram às 3 da manhã para ir à delegacia e ele não falava árabe, muito menos em inglês.

João Batista Jr.: Na verdade, nem o Vinícius fala árabe. Mas depois a gente fala sobre isso. Mas usando o inglês e todo o charme low-profile dele, ele conseguiu convencer o delegado a soltar o guest – que deixou o país no dia seguinte.

Acho que até aqui meus exemplos estão muito focados em carro. Teve outra cliente de São Paulo que tinha um guarda-roupa todo trabalhado no animal print, ela tava super feliz com o look, e ela queria fazer uma sessão de fotos.

Vinícius Viana: Ela estava realmente inspirada. E ela falou: “Olha, eu quero tirar fotos dentro da suíte e eu quero um tigre de bengala”. Aí eu olhei assim, falei, “Um tigre de bengala, mesmo?” “Sim, eu quero um tigre de bengala”.

João Batista Jr.: Tigre-de-bengala é uma sub-espécie de tigre, sabe? Não é um tigre que tem dificuldade de locomoção.

Vinícius Viana: Então, nós entramos em contato com o zoológico de Dubai. Fizemos uma permuta no qual há um termo de responsabilidade total de quem está fazendo a permuta deixasse uma caução milionária, por sinal, para ficar ali por algumas horas. Então vem um tratador, vem um veterinário para cuidar desse animal dentro da suíte e um fotógrafo. E aí ela falou, “não, mas você não está me entendendo. Eu quero passar a noite com esse tigre”.

João Batista Jr.: No caso, ela não queria só parar do lado do tigre e tirar umas fotos. Ela queria ter o tigre ali à disposição. A noite toda.

Vinícius Viana: Eu falei “Tá, mas a senhora não pode passar a noite com um tigre de bengala.” E falar não para um hóspede é muito difícil no Burj.

João Batista Jr.: Ouvindo o Vinícius, comecei a pensar. Tem gente que trabalha a vida toda na terapia pra conseguir dizer não. Parece que a carreira dele foi um grande treinamento na arte de conseguir não dizer não. Mas, voltando pro tigre... qual era a alternativa?

Vinícius Viana: Então, a alternativa foi tranquilizar o tigre, não é? Como se fosse 100 cartelas de Rivotril para que ele ficasse super manso, fora de si, e ali ela pudesse realmente ficar com ele durante a noite tirando as fotos e aí ela trouxe outras amigas, o marido foi servido coquetéis, canapés, caviar, Moët Chandon, Krug. Enfim, foi realmente uma noite adentro muito estranha. Mas a gente respeita, não é? Então... ela passa a madrugada até que ela cansou do tigre, acho que o tigre também já estava cansado dela e todos ficaram felizes.

João Batista Jr.: Lamborghini, tigre drogado – esses são luxos até caricatos, mas dá pra entender a emoção do Vinícius de conseguir proporcionar esses sonhos.

Agora, eu ouvi outra história do Vinícius – de uma cliente que conseguiu pegar um dos elementos mais básicos de uma suíte de hotel, ou de qualquer quarto, e fazer disso um pedido absurdamente complexo.

Vinícius Viana: No momento em que ela chegou, ela falou o seguinte: “Eu não tomo banho, eu não lavo as minhas mãos e o meu rosto e o meu cabelo com água tratada”.

João Batista Jr.: Água tratada sendo a água que vem do encanamento. A água do chuveiro, a água da torneira....

Vinícius Viana: Aí eu "tudo bem, não" – falei – "então, como que a senhora lava?" "Eu lavo só com Fiji".

João Batista Jr.: Água Fiji. Uma marca de água que é engarrafada na ilha de Fiji. Cara, mas ok, beleza.

Vinícius Viana: Aí eu -- "Tá, excelente, eu posso enviar várias garrafas de Fiji para a senhora". Ela falou, "Não. Como é que eu vou tomar o meu banho? Lavar o meu cabelo? Você não está entendendo". Eu falei, "De fato, não estou entendendo". Ela falou, "Então vou ser mais clara. Eu quero um tanque de Fiji na minha suíte". Ali eu quis falecer, porque garrafas de Fiji a gente só encontra em nível comercial de 250, 500ml, a no máximo um litro e meio. Agora, imagina você encher um tanque de quase 500 litros de Fiji? Então, enfim, ela pagou aproximadamente \$200.000 só para fazer essa instalação, no qual a gente teve que quebrar a suíte, trazer um tanque, comprar estoques, estoques de Fiji e, manualmente, encher esse tanque com as garrafas de água. Então, ali para mim foi surreal.

João Batista Jr.: Na verdade, depois o Vinícius esclareceu que era mais complexo ainda. Tinha um tanque de Fiji pra abastecer a pia e um tanque de Evian pro banho. Fiquei seguindo esse caminho hidráulico mentalmente, e isso me levou até uma pergunta terrível. Depois da entrevista, chequei com o Vinícius.

E sim. Tinha Evian até no vaso sanitário.

O time do Vinícius gastava horas do dia enchendo esses tanques com água mineral. Garrafinha... por garrafinha.

João Batista Jr.: Vinícius, não dá para um caso desses falar, "Minha senhora, sinto muito. Não é factível, não rola"?

Vinícius Viana: Olha, João, no ponto que eu cheguei na minha carreira, de trazer pinguim para o deserto, rola! O pior é que rola. Até a ponto de contratar um esquadrão para encontrar a chave do Rolls-Royce que caiu num esquí na Suíça, na neve. E o cliente falou, "Eu estou indo embora, meu carro está aí. Se você achar a minha chave, tudo bem. Se não, deixa o carro ali". Então, quando você chega nesse nível da sua carreira, o que é um tanque de água Fiji?

João Batista Jr.: "O que é um tanque de água Fiji para quem já levou pinguim pro deserto?" poderia ser o novo "que que é um peido pra quem tá cagado?" Né?

Vou te contar do pinguim no deserto já já. Mas, pra chegar lá, você precisa saber de onde o Vinícius veio. Quando ele se apresenta para um hóspede, ele diz assim:

Vinícius Viana: Meu nome é Vinícius, eu sou do Brasil e é um prazer lhe servir.

João Batista Jr.: Ele diz “do Brasil” porque, em primeiro lugar, a pessoa que ele tá servindo provavelmente não quer tanta informação assim sobre o mordomo, só quer o misto quente ou o Lamborghini pra já. Mas mesmo que esse hóspede quisesse saber mais, ele provavelmente não vai ter ouvido falar de Barra do Garças.

Vinícius Viana: Eu nasci em Mato Grosso, uma pequena cidade banhada pelo Rio Araguaia, que se chama Barra do Garças.

João Batista Jr.: O Vinícius era filho de um casal de policiais civis. E, quando ele tinha 3 anos, a mãe dele morreu.

Vinícius Viana: Por ocorrência de uma decisão e atitude drástica do meu pai, que foi de assassiná-la friamente.

João Batista Jr.: O Vinícius ficou sob os cuidados da avó, e depois de uma tia, e acabou sendo criado em Goiânia. Mas, por uma série de razões, ele não se sentia bem ali. E o problema não era a cidade. Era o país.

Vinícius Viana: Era uma sensação de angústia de estar no Brasil. O meu sonho era voar fora, no Exterior.

João Batista Jr.: Ele percebeu que um caminho pra sair do país podia ser uma carreira trabalhando em hotel.

Vinícius Viana: Me apeguei muito à questão de customer service, que a indústria de servir, a indústria da hospitalidade, como eu posso servir ao outro, o que eu posso fazer pelo outro? E como eu posso enxergar a dor do outro?

João Batista Jr.: Muita gente sonha em ir pra fora, né? Mas a gente já viu que o Vinícius é do tipo que não fica no terreno do sonho. Vou te poupar os detalhes, mas o resultado foi esse:

Vinícius Viana: Então, com 19 anos, eu chego em Doha, no Qatar. Muito jovem, muito ainda irresponsável, porque é uma cultura muito fechada.

João Batista Jr.: Ele diz “irresponsável” porque tem um detalhe. O Vinícius é gay. E essa é uma das coisas que mais me intrigam nele. Um menino brasileiro e gay que vai se meter numa região onde ter relações homossexuais, na maior parte das vezes, é crime. Só que ele não vê assim.

Vinícius Viana: Muitas vezes eu me sinto muito mais seguro nos países do Golfo. Porque o Brasil, apesar de colocar todos de uma forma muito igualitária, eu nunca me senti protegido.

João Batista Jr.: Pra alguém que tá acostumado a ser low profile em todas as esferas da vida, até faz sentido. Ele disse que, em todos esses anos, o assunto só surgiu duas vezes. A primeira foi assim: ele costumava usar uma maquiagem bem discreta com proteção solar. E, num desses hotéis de luxo, uma gerente percebeu e

mandou ele tirar a maquiagem ou então não voltar mais. A maquiagem ficou. O Vinícius é que não voltou mais.

A segunda vez foi assim. Ele tinha sido convidado pra participar de um processo seletivo um tanto misterioso. Pra começar, era uma vaga que tinha uma anti-qualificação, se é que dá pra falar assim. Pra ter esse emprego, você não podia falar árabe. Provar que você fala uma língua é meio simples, né? Mas como é que você prova que não fala?

Vinícius Viana: Eles, eles fazem primeiro um teste de DNA. A nossa raiz dos nossos ancestrais é por onde nós passamos. E há uma investigação de ponta a ponta muito detalhada da nossa carreira, de onde nós vivemos. Há uma empresa europeia que ela faz um cruzamento de dados das nossas mídias sociais e dos nossos telefones para saber quem foram todos os nossos contatos durante a vida. E aí vem uma conclusão de que sim, nós não falamos árabe e nós nunca tivemos contato com ninguém acerca da língua, então é algo surreal.

João Batista Jr.: A outra parte surreal era que, durante toda essa peneira, ele não sabia quase nada sobre esse trabalho.

Vinícius Viana: Eles não fazem menção nenhuma de quem é empregador, quanto e aonde e como será. Eles apenas conduzem você. Nas primeiras rodadas de entrevista e se você tem êxito na final, você vai até Londres fazer a última etapa.

João Batista Jr.: Vinícius foi chamado pra última etapa, ficou super feliz, e foi lá pra Londres. E, nessa última fase, no final o entrevistador fez uma pergunta.

Vinícius Viana: Ele falou, Vinicius, você tem um currículo excelente, você é excelente, mas você é gay?

João Batista Jr.: Vinícius ficou pê da vida. Mas o cara falou que era uma questão de segurança. Porque o Vinícius tinha passado pra última etapa pra trabalhar com a família real saudita. E isso significava que ele ia precisar ser mais low profile do que nunca. Ou seja, celibatário. E ele... topou.

O primeiro dia foi um choque. Na verdade, o choque foi logo na chegada.

Vinícius Viana: Todas as minhas três malas, duas de bordo e uma de mão, foram abertas. Tudo que havia por dentro foi retirado. A mala passou por raio-X por detector de metal. Eu passei por um outro raio-X de um bar scan, na verdade não é para ver o que eu tinha dentro do meu organismo. Fiz testes de doping para ver se eu não estava com drogas ou se eu havia consumido drogas e álcool. Então, no primeiro dia foi muito difícil.

João Batista Jr.: Confiscaram o telefone, computador, pendrive, tudo.

Vinícius Viana: Você deixa tudo ali com a Guarda Real e naquele momento é lhe entregue um iPhone. E eu descobri, depois de alguns meses, que eu já estava trabalhando, que os iPhones que nos deram não havia câmera, não havia GPS, não havia nenhum dos recursos que os telefones modernos têm hoje, justamente para não haver resquícios de falta de privacidade, não é?

João Batista Jr.: Inclusive, é por isso que você tá ouvindo o Vinícius nessa qualidade de som. Ele tava gravando o lado da conversa dele com esse celular... mas depois ele descobriu que o celular não salvava gravações de áudio. O que, né... faz sentido. Mais um preço de entrada que o Vinícius tava pagando pra fazer parte desse mundo.

Vinícius Viana: Você embarca num carro preto que conduz a outros carros pretos que te levam para um lugar que você só chega em ver aquela dimensão e fala. Puta que pariu! Eu estou em Alice no País das Maravilhas, porque é a hora que abre os portões. Você parece que está entrando no castelo da Cinderela, as fontes e pavões e cisnes e coqueiros palmeiras. Enfim, é uma coisa de outro mundo.

João Batista Jr.: Era um castelo de Cinderela pra família real e pros convidados deles. Agora, o Vinícius, como mordomo-chefe, ia ser responsável por manter esse mundo de fantasia funcionando.

Vinícius Viana: Olha, João, uma certeza que a gente tinha é que a gente tinha que acordar. Mas dormir já era uma outra questão, sabe. Descanso é uma coisa assim que a gente não conhece muito essa palavra aqui no Oriente.

João Batista Jr.: Agora a gente tá chegando no pinguim no deserto.

Vinícius Viana: Olha maldito quem fez o filme Madagascar! Porque, sinceramente, a criança que assistiu esse filme me colocou com dez Rivotris a mais para tomar naquele dia, naquela semana.

João Batista Jr.: Pra quem não viu: Madagascar é um filme de uns anos atrás sobre animais num zoológico. Essa criança da família real viu.

Vinícius Viana: Ela virou para a mãe e falou: Eu quero um pinguim na minha festa. E a mãe virou para mim e falou: Eu quero não um, eu quero vários pinguins aqui no palácio e já.

João Batista Jr.: A festa de aniversário da criança ia ser na semana seguinte. E se não dá pra dizer não para um hóspede do Burj Al Arab, definitivamente não dá pra dizer não para um membro da família real.

Vinícius acionou todos os contatos de zoológicos da agenda dele, que não devem ser poucos, até conseguir uma permuta com um zoológico da Alemanha que tinha boas relações com a Arábia Saudita e topou emprestar uns pinguins.

Vinícius Viana: Um avião cargueiro enorme, todo refrigerado, com times de veterinários, tratadores e etc. E nós levamos aproximadamente dez pinguins para o deserto. E ele e esses pinguins chegaram para a festa infantil. Os coitados do pinguim estavam quase morrendo de calor porque uma temperatura de quase 40 graus lá fora.

João Batista Jr.: Os pinguins ficaram ali, sofrendo mesmo no ar-condicionado, e depois voaram de volta pra Europa. Tudo isso pra fazer figuração numa festa infantil.

Depois de passar algumas horas ouvindo histórias do Vinícius fazendo o impossível, motivado pelos pedidos mais fúteis, eu queria saber: teve algo que ele não conseguiu? Tem algo nesse mundo que o dinheiro não compra?

A primeira coisa que o Vinícius lembrou foi quando começaram a vender passagens pra visitar a Estação Espacial e a família real não conseguiu.

Vinícius Viana: Então isso foi o motivo de extrema fúria. Então, o próximo passo é a Lua.

João Batista Jr.: Nesse caso não foi por falta de grana. Foi só porque outros ultra high net worth individuals compraram tudo primeiro. Que nem ingresso de show pra nós, reles mortais. E a reação do Vinícius é muito típica dele.

Vinícius Viana: Eu me senti frustrado, sim. “Poxa vida, por que a gente não faz um foguete então, não é verdade?” Mas daí eu descobri que o país não investe em foguete. Não existe programa espacial aqui, só os Emirados Árabes.

João Batista Jr.: Pelo menos ainda não. De novo, não é falta de grana, só questão de prioridades governamentais.

Vinícius Viana: Tem um ou outro pedido sim, que nós não conseguimos, que foi trasladar a família num submarino para ver o Titanic no fundo do mar. Nós não tivemos êxito.

João Batista Jr.: Dessa vez, a família foi boicotada pelas leis da física. Eles queriam ver o Titanic de perto.

Vinícius Viana: Ver o Titanic e, se possível, nadar. Mergulhar. Mas é um ambiente hostil a alta profundidade e pressão é humanamente impossível. Então nós falhamos.

João Batista Jr.: Parecia poético. O mordomo que conseguia tudo, que fazia o possível e o impossível pra não dizer não, sendo derrotado pelo Titanic – um símbolo da derrota da riqueza para a natureza.

Vinícius Viana: Na verdade, há rumores que esse submarino está sendo construído a pedido da família.

Branca Vianna: Essa reportagem foi feita em parceria com a revista piauí. O João Batista Júnior é repórter da revista, e lá no site da Rádio Novelo tem um link para uma outra reportagem que ele fez há um tempo sobre o Vinicius.

Obrigada por ouvir o Rádio Novelo Apresenta.

Se você ouviu esse episódio mas ainda não tá seguindo o Rádio Novelo Apresenta no seu tocador de podcast preferido, aproveita e faz isso agora. Assim você não perde nenhum episódio e a gente vai estar com você toda quinta-feira.

Se você puder avaliar a gente também, escrever uma resenha ou dar cinco estrelas, também ajuda demais.

A gente quer chegar a cada vez mais ouvidos, então não esquece de recomendar pras pessoas que você ama e que vão apreciar uma boa história.

No nosso site, radionovelo.com.br, você consegue ver material extra pra cada episódio.

Pra essa semana, tem todos os links que a gente mencionou ao longo do episódio: da cobertura da Vaza Jato no site Intercept Brasil, do museu da Lava Jato, e da reportagem que o João Batista Júnior fez com o Vinicius, o "mordomo das Arábias".

E, quando você passar lá no site, aproveita pra assinar também a nossa newsletter.

Se você quiser mandar uma história pra gente, o nosso email é apresenta@radionovelo.com.br.

Cê também pode só marcar a gente nas redes, no [@radionovelo](https://www.instagram.com/radionovelo).

O Rádio Novelo Apresenta é um original da Rádio Novelo.

Toda quinta-feira tem episódio novo.

A direção criativa é da Paula Scarpin e da Flora Thomson-DeVeaux, e a produção executiva é do Guilherme Alpendre.

A gerência de criação é do Tiago Rogero, a executiva é da Marcela Casaca e a de produto e audiência é da Juliana Jaeger.

Nossos produtores sênior são o Vitor Hugo Brandalise e a Évelin Argenta. As produtoras da nossa equipe são Bárbara Rubira, Gabriela Varella, Júlia Matos e Natália Silva.

A checagem deste episódio foi feita pelo Gilberto Porcidonio.

A montagem é da Mariana Leão.

A Paula Scarpin fez o desenho de som.

A mixagem é do Pipoca Sound.

Nesse episódio, a gente usou música original de Chico Corrêa, de Vitor Rodrigues Dias e também da Blue Dot.

O desenvolvimento de produto e audiência é feito pela FêCris Vasconcellos e pela Bia Ribeiro.

O Eduardo Wolff é responsável pelo conteúdo e engajamento das nossas redes sociais, e o design das nossas peças é do Gabriel Medeiros e da Laura Camaratta.

Obrigada e até semana que vem.